

Meridianos, Ep. 2A

LARA

Existem futuros além do que nossa imaginação alcança.

O que será do mundo diante do colapso ambiental?

E quem seremos diante das ruínas?

Este é o podcast "Meridianos".

Respire fundo e se permita viajar -- você está prestes a entrar em outra dimensão.

No episódio de hoje: O mundo espera a sexta-feira para acabar.

<trilha sonora original do podcast>

<Uma porta se abrindo. Barulho de alguém entrando no banheiro e abrindo a braguilha. Som fragmentado de urina caindo na privada>

[NARRADOR]

Peu estava à beira da loucura.

<Um som grave, marcando os inícios, após a primeira frase>

[NARRADOR]

O ar da cidade parecia uma esponja pegajosa e visquenta. Grudava no corpo, empapava as roupas, como se fizesse parte da própria pele.

<Barulho de ventilador ligado quase travando>

[NARRADOR]

Peu tinha comprado um ventilador novo, diretamente do feiraguai, *chei* da tecnologia: turbo silencioso, eco-fresh, espirra água, até anunciava, de tempos em tempos, com uma voz meio robótica, a temperatura na cidade e a sensação térmica do lugar

<Voz robótica anunciado: 45 graus em feira de Santana, sensação térmica de 49 graus>

[NARRADOR]

Mas a zorra do ventilador novo - *chei da tecnologia* - era totalmente incapaz de movimentar o ar. O calor formava uma massa espessa. Parecia que a qualquer momento ele seria capaz de travar as hélices, frear o motor e fazer tudo explodir.

Para piorar, a água em Feira de Santana estava acabando. O dilema na cidade girava em torno das seguintes questões: dar descarga ou escovar os dentes? tomar banho ou lavar os pratos? Lavar o chão ou lavar as roupas?

<Barulho de água pingando lentamente até cessar>

[NARRADOR]

Obrigado a tomar decisões de vida ou de morte, Peu, dono e proprietário de Peu drinks, escreveu um cartaz e botou na porta do banheiro do bar: "*Proibido dar descarga/ Evite fazer suas necessidades aqui/ Att. A direção*". Era uma escolha necessária e na verdade bastante sagaz, pensava Peu. Afinal, ali dentro da privada, o xixi de um se misturava com o xixi do outro, era merda em cima de merda, os clientes certamente iriam entender e no final do dia ele só teria que jogar um balde com um pouco de vinagre no vaso sanitário e seria como se o mundo inteiro descesse pelo ralo. Com isso, Peu poderia reservar água para tomar um banho, lavar uns copos, deixar - enfim - o bar em funcionamento, antes que tudo descesse pelo ralo.

<Barulho de bar em funcionamento no meio do dia, som contínuo enquanto estamos no bar>

[NARRADOR]

O problema era aquele calor. Não tinha vontade alguma de levantar da cama, mas dormir também era difícil. O calor provocava na cabeça de Peu uma efervescência psíquica; um desejo meio sombrio de largar a mão na primeira pessoa que visse pela frente.

<Som de carro antigo e barulhento estacionando, seguido pelos sons descritos ao longo da narração - porta do carro fechando, um homem andando, uma cadeira plástica sendo puxada>

[NARRADOR]

E tão logo veio esse pensamento, enquanto organizava as mesas para abrir o bar, viu Osmar chegando com o seu Gol 98, sedento, todo injuriado, a camisa - que deveria ser branca - encardida de lodo, nem fechou as janelas do carro, desceu, puxou uma das cadeiras plásticas, se sentou como um grande rei cansado, limpou o suor com a camisa e gritou como se estivesse falando sozinho:

[OSMAR]

Que calor da desgraça é essa cidade? Ó pá ali.

[NARRADOR]

Osmar apontou para uma árvore na calçada.

[OSMAR]

A folha nem balança. Não passa um vento. Esse raio ultravioleta atravessa o céu e vem direto na minha cabeça, que desgraça!

[NARRADOR]

Se Peu não estivesse à beira da loucura, iria ignorar Osmar. Mas olhou para ele, todo suado, sem nenhuma dignidade, e a vontade que sentiu foi de descer a madeira na cara dele.

[PEU]

Rapaz, você não tá na casa de sua mãe não pra falar desse jeito!

[NARRADOR]

Peu caminhou na direção de Osmar. Sua presença era imponente.

[PEU]

Aqui é bar de respeito. E você deixou a janela do carro aberta. Diga aí, Osmar, vai de que hoje?

[OSMAR]

Ninguém tem coragem de roubar essa miséria aí não, Peu. Aliás, se roubarem, vão me fazer favor. Ó pá ali, o pneu dianteiro tá todo brocado. Ôi, juro pra tu, tentei trocar esse carro por 20 garrações de água e não quiseram. Ali na rua de Aurora. Bote fé, água tá valendo ouro, mas meu carro também num tá valendo nada. Veja aquela gelada do jeito que o *papai* gosta.

[PEU]

Eu não sei como é que o *papai* gosta não. E outra: sua quota de reclamação tá reduzida. Hoje tô daquele jeito, doido pá matar um, esse calor aí vai acabar comigo e ainda tenho que ficar olhando pra sua cara bonita de quem tá há três dias sem tomar banho. Vou lá pegar sua cerveja.

[OSMAR]

Oh que viagem, Peu! Como é que tu sabe? Tô três dias, quase quatro, sem tomar banho. O negócio é que eu prefiro deixar o banheiro cheirando bem, tá ligado? Cagar com dignidade. Só tomo banho no final de semana. Escolhas, meu amigo, escolhas.

<Som de cerveja abrindo. O líquido caindo no copo. Osmar bebe a cerveja e faz um som de satisfação "ahhhh">

[OSMAR]

Eita danada, essa tá geladinha. Do jeito que o *papai* gosta.

[NARRADOR]

Sexta-Feira, final de tarde em Feira de Santana.

<Som Grave>

Não era só Peu que estava à beira de uma loucura. A cidade inteira atravessava um mal-estar coletivo. Nos anos anteriores o clima já era intolerável, e não havia nenhuma razão para pensar que as coisas agora seriam diferentes. As notícias que se espalhavam eram desanimadoras.

VOZ RADIOFÔNICA

Treze de Janeiro de dois mil e quarenta, dezessete horas e vinte e seis minutos agora em Feira de Santana. A onda de calor assusta o cidadão feirense. O mês de janeiro pode ser o mês mais quente da história da cidade. Nesta sexta-feira, os termômetros bateram mais uma vez quarenta e cinco graus. E o calorão até domingo só aumenta. Ehhh, ouvinte da rádio TOMBA FM, Você que tem pressão baixa, problemas cardíacos, não esqueça da hidratação.

OUTRA VOZ RADIOFÔNICA

A prefeitura de feira emitiu uma nota aconselhando o cidadão a reforçar o racionamento de água por conta da seca. Em alguns bairros a falta de água impacta a vida de quase cem mil moradores.

TERCEIRA VOZ RADIOFÔNICA

A falta de chuvas também afeta as bacias dos rios que abastecem a região e a barragem de Pedra do Cavalo chegou ao nível mais crítico dos últimos anos.

[NARRADOR]

A cidade estava enfrentando problemas com racionamento de água, mas o trabalhador feirense é um incansável combatente da sobriedade, transgressor da miséria, o criador do auto-engano. Era sexta-feira, o calor comia o juízo das pessoas, e mesmo assim, de todos os cantos, afluíam homens e mulheres na direção dos bares.

Peu, de Peu Drinks, sabia que a desgraça era pouca perto da vontade que seus clientes tinham de tomar uma gelada depois do trabalho e aos poucos o bar ia sendo ocupado por essas pessoas.

<burburinho das vozes, massa sonora polifônica com som de fundo>

[NARRADOR]

"Peu isso", "Peu aquilo", e Peu saltava como malabarista entre todas essas funções que se habituara a fazer com absoluta maestria.

Os clientes aproveitavam a garrafa - sempre geladinha de Peu Drinks - para dar uma refrescada no corpo. Observe você que o feirense é capaz de inventar safadeza, até no estado apocalíptico que a cidade vivia. Então, enquanto bebiam suas cervejas, era um tal de passar a garrafa gelada no pescoço e depois pedir uma assopradinha, vários métodos mirabolantes para driblar o calor infernal e criar interações no ambiente eram inventados lá em Peu Drinks.

<Barulhos confluentes de garrafas, passos, chaves sendo balançadas, a porta do banheiro se abrindo e se fechando>

[NARRADOR]

O problema é que a pessoa vai comendo água, toma aquela cervejinha que pede outra cervejinha, vai dando aquela vontade de mijar. Então chegou o primeiro cliente, já todo apertado, pediu a chave do banheiro. Depois vieram outros em sequência e mesmo com o aviso fixado à porta, Peu os alertava: Não dê descarga, estamos em contenção de água. Vai ser mijo em cima de mijo e bosta em cima de bosta. Quem tiver achando ruim, vá fazer suas necessidades em casa.

Nosso amigo Osmar já ia na quarta cerveja, bebendo como um boi que avistasse o oásis no meio da seca, quando se levantou, foi até o balcão e pediu a chave do banheiro a Peu. Peu olhou por alguns segundos o rosto de Osmar. O rosto cansado de Osmar. O rosto suado de Osmar. Que grande filho da puta era Osmar, seu cliente de longos anos. E segurando as chaves na mão, respondeu:

[PEU]

Não. O banheiro agora está fechado. E outra coisa, você vai fazer xixi ou cocô?

[OSMAR]

Você agora virou fiscal de banheiro é porra?

[NARRADOR]

Osmar, num rápido lance de mãos, tomou a chave de Peu.

Ele então chegou à porta do banheiro e, assim que abriu, sentiu adentrar por suas narinas a memória olfativa dos seus tempos de adolescente: aquele cheiro lembrava um banheiro químico de carnaval.

Cheiro de urina. Urina adocicada e merda.

<Som grave>

Abriu a porta e engunhou.

<Som da porta se abrindo e fechando>

Segurou para não vomitar. Um calor da desgraça, um cheiro daquele, que sensação horrível. Voltou ao balcão..

[OSMAR]

Que porra é aquele banheiro, Peu? Alguém comeu um filhote de urubu e largou ali. Sem condições. Me ajude aí, vá. Dê descarga ali naquele banheiro. Bote um vinagre, uma naftalina.

[PEU]

Não tem água, Osmar! Tu não entendeu isso ainda? A porra da água tá acabando. Eu só vou dar descarga quando o bar fechar. Se você tiver apertado, vai aí mesmo, do jeito que o banheiro está. Mas se você quiser, tem banheiro limpo ali, ó..

[NARRADOR]

Peu apontou para a igreja em frente ao bar.

[PEU]

Ali deve ter água. Os Descarados tem esquema na prefeitura.

[OSMAR]

Então é lá mesmo que eu vou. O trabalhador precisa fazer suas necessidades com dignidade.

[NARRADOR]

Osmar atravessou a rua, entrou na Igreja e retornou com um rosto pleno de satisfação.

[OSMAR]

Porra, Peu... boa dica essa sua. Lá ainda tem ar-condicionado... vá brincando com a casa de Deus. Tudo limpinho. Dignidade é aí!

[NARRADOR]

Note que o cachaceiro é, acima de tudo, um fofoqueiro da melhor qualidade. A fofoca nem sempre nasce da maldade, mas às vezes é só pelo gostinho de chegar no ouvido da outra pessoa e falar baixinho, criando uma intimidade instantânea, às vezes fundada na mentira, outras vezes fundada em um acontecimento real levemente distorcido.

Pois a clientela de Peu Drinks, que dissimuladamente conversava entre si, também tinha os ouvidos no diálogo entre Osmar e Peu. Em questão de segundos a notícia que se espalhou

no bar possuía os seguintes termos: (um) tem um bicho morto no banheiro de Peu Drinks e Peu, o proprietário, não quer limpar; (dois) o banheiro da igreja está limpinho e tem até ar-condicionado.

Os clientes então passaram a usar o banheiro da igreja. Enchiam o copo de cerveja, e mijavam por lá. A igreja estava aberta e Dona Telma preparava a casa de Deus para a missa.

Sim, era o dia da missa de Cura e Libertação do Padre Geninho.

<Som de sino de igreja>

<Som ambiente de local silencioso, uma vassoura varrendo o chão cuidadosamente>

[NARRADOR]

Dona Telma não se importou muito quando o homem esbaforido e suado entrou na igreja e perguntou onde era o banheiro. Apontou a direção e seguiu com os seus deveres. Naquele dia teria a missa de cura e libertação do Padre Geninho e a igreja ficaria lotada. Precisava varrer o chão, separar os folhetos com o evangelho, a caixinha do dízimo e a roupa de Padre Geninho. Era voluntária na igreja, mas nem por isso negligenciava seus deveres. A igreja estava sempre impecável para receber os seus fiéis.

<Sons de pessoas adentrando a igreja e da porta do banheiro se abrindo e se fechando>

Depois do primeiro, outras pessoas foram aparecendo para usar o banheiro. Os fiéis também chegavam em pequenos grupos e ocupavam os largos bancos da igreja, ansiosos para a famosa missa de Padre Geninho.

A cada momento chegava mais gente querendo usar o banheiro e Dona Telma foi cismando. Tinha alguma coisa estranha ali. Notou que as pessoas, por vezes, iam mais de uma vez. Aquele primeiro homem suado e esbaforido, tinha ido ao banheiro da igreja pelo menos três vezes. Dona Telma foi até o banheiro e o que ela encontrou a deixou em choque.

<Som grave>

[NARRADOR]

O pé dela foi direto numa poça de xixi. O banheiro parecia um chiqueiro.

<barulho de descarga sem funcionar>

Tentou dar descarga, mas não tinha água. Um cheiro insuportável. Urina em cima de urina, bosta em cima de bosta. Ela saiu da igreja e de lá mesmo, no outro lado da calçada, viu os detratores responsáveis pelo pecado criminoso à casa de Deus. Era a clientela de Peu, seu ex-marido.

<Som grave>

[NARRADOR]

Deveria falar com o Padre Geninho dessa situação? Deveria ser ela mesma a resolver a situação com o ex-marido? Há anos que Dona Telma e Peu não se falavam mais. Preferiu delegar a tarefa ao Padre Geninho que a esta altura já estava se concentrando para a missa de cura e libertação. "O diabo é sujo e não toma banho", pensou Dona Telma. Entrou novamente na igreja, deu dois toques à porta.

<Som de batidas leves na porta>

[DONA TELMA]

Padre Geninho? Peço licença, mas está acontecendo uma situação muito grave aqui na igreja. Preciso que o senhor me ajude.

[NARRADOR]

Padre Geninho ouviu tudo com atenção. E sem dizer uma só palavra, saiu da sala e foi em direção ao bar de Peu Drinks.

<Passos em direção ao bar>

<Burburinho de bar agitado>

[PADRE GENINHO]

Por favor, por favor, o proprietário do estabelecimento.

[NARRADOR]

Padre Geninho sabia que o proprietário era Peu.

[PEU]

Vai de que hoje, chefia? Gelada ou quente?

[NARRADOR]

Na malandragem, Peu viu o Padre atravessar a rua e vir em sua direção. Ao seu lado estava Telma, sua ex-esposa, que não lhe dirigiu o olhar.

[PADRE GENINHO]

Meu filho, tenha mais respeito. Estou me preparando para celebrar uma missa e tenho que vir aqui reclamar com gente adulta. Que situação chata, Senhor Pedro, os seus clientes estão usando o banheiro da minha igreja para fazer necessidades e deixaram o banheiro podre. Já não temos água

na igreja. Os nossos fiéis vão ter que usar o banheiro naquele estado? Como vamos resolver essa situação?

[PEU]

E você quer que eu faça o que? Não tenho como controlar meus clientes. Não posso fazer nada. Eles não querem usar o banheiro do estabelecimento porque está sujo, paciência.

[PADRE GENINHO]

Então limpe seu banheiro, Senhor Pedro.

[PEU]

Ói, na moral Padre Geninho, hoje eu tô virado no Satanás. Até onde eu sei esse lugar que meus clientes estão entrando é a casa de Deus e na casa de Deus todo mundo pode entrar. É ou não é? Mas sem problema, vou ver se ainda tem um restinho de água no tanque.

[NARRADOR]

Peu foi até o depósito, pegou o balde e tentou encher de água, mas não tinha água. Não tinha uma única gota de água nas torneiras. Não tinha água para lavar as mãos. Não tinha água para lavar os copos. Não tinha água para limpar o banheiro ou para despejar no vaso sanitário. A água, em Peu Drinks, tinha acabado. A água na igreja também. Peu retornou com o balde vazio:

[PEU]

É, Padre Geninho, acabou a água. E eu não vou usar água mineral pra limpar banheiro. Aqui só tem daquela que passarinho num bebe. Lembra do milagre em que Jesus transformou água em vinho? Pois se o senhor tem mesmo intimidade com o Todo-Poderoso, hoje é o dia de transformar vinho em água. E eu tenho umas garrafas ali pro senhor.

[PADRE GENINHO]

O Senhor é um herege. Deveria frequentar nossa missa de Cura e Libertação, receber o perdão pelo tanto de bobagem que sai da sua boca.

[NARRADOR]

Ouve-se, então, um som tiriritricando na mesa de Osmar, que permaneceu ali, para-lá-de-bagdá, ouvindo o imbróglío entre Peu Drinks e Padre Geninho.

<Som de toque de celular>

<Burburinho do bar ao fundo>

[OSMAR]

<Alô. Ham. Como é que é? Acabou a água na mangabeira inteira?>

<Sons de inúmeros celulares tocando ao mesmo tempo>

[NARRADOR]

Então todos os celulares começaram a tocar ao mesmo tempo. E do outro lado da linha, a mesma notícia: Acabou a água em Feira. Sobradinho, Feira VI, Gabriela, Jardim Cruzeiro, Kalilândia, Tomba, Santa Mônica, Vietnã, Cidade Nova, Campo Limpo, Conceição. Acabou a água em Feira. Não tem previsão. De dentro da igreja, os fiéis começaram a sair, também alarmados com as notícias e logo se juntaram ao padre e aos clientes de Peu Drinks.

A cada instante uma nova informação era acrescentada. Uns diziam que a culpa era do calor: os reservatórios da cidade tinham secado.

Um dos fiéis, que possuía informações privilegiadas, contou que a água de Feira foi toda usada para terminar as construções de um condomínio lá no Papagaio. Uma mulher, que trabalhava na prefeitura, falava abertamente de uma adutora que estava sendo construída, mas que foi interrompida por algum motivo obscuro nunca revelado e desde então permaneceu inacabada.

Sabe um absurdo? Na Bahia tem precedente, e é provável que o precedente tenha começado em Feira de Santana. Osmar, que andava para lá e para cá com a mão nas partes íntimas, apertado e com vontade de mijar, naquele calor desgraçado, já não sabia mais onde iria fazer suas necessidades dignamente, uma vez que o imbróglio entre Peu e Padre Geninho parecia sem solução e todos os banheiros estavam interditados, recebeu uma ligação - sabe-se lá de qual procedência - com a notícia de que o único lugar com água na cidade era a caixa d'água do Tomba.

[OSMAR]

E digo mais. Acabei de saber que o povo tá descendo em peso para invadir a Caixa D'água. Quem tem seu garrafão que vá encher. Farinha pouca meu pirão primeiro.

[NARRADOR]

Pânico da desgrama.

<Som grave>

[NARRADOR]

O Padre, que permaneceu ali meio paralisado e já tinha desistido da missa, olhou para Peu e Peu, por sua vez, olhou para o Padre;

Peu, de Peu Drinks, sabia exatamente quando a raiva pelo Padre Geninho tinha surgido. Anos atrás, quando ele ainda era casado com Dona Telma, o Padre apareceu na porta do bar convidando os clientes para a missa de cura e libertação. Falou do Apocalipse. Do arrebatamento. Que não ia demorar. O mundo ia acabar. Era questão de tempo.

Aquele foi o início do fim. O discurso do padre, naquele dia, mexeu tanto com Telma, que no dia seguinte ela se apresentou na igreja obstinada a dedicar o restante da sua vida a Deus, antes que fosse tarde demais.

Peu atribuía o fim do seu casamento ao Padre Geninho. E ali, frente a frente com padre, segurando uma garrafa de cachaça na mão, sentiu uma vontade enorme de partir pra cima do padre e quebrar a garrafa na cabeça dele. Sentia saudades de Telma, vontade de conversar com ela. Sua ex-esposa, amor da sua vida. Peu abriu a garrafa de cachaça e deu uma golada violenta.

[PEU]

Quem tem carro aí? Bora invadir a Caixa D'água do tomba!!!

[NARRADOR]

Padre Geninho também tomou suas providências e reuniu os seus fiéis.

Um deles, cabelo grisalho, bem vestido, com algo de playboy. tinha uma arma guardada entre as calças e pediu permissão ao Padre Geninho para matar, mas ele repreendeu:

[PADRE GENINHO]

Não, meu filho. Isso não será necessário. Faremos tudo pela via da boa comunicação e da paz...

[NARRADOR]

E Antes que Padre Geninho concluísse sua fala...

<Som de vidro quebrando/chão/cabeça>

[NARRADOR]

Uma garrafa de Cerveja explodiu na cabeça do fiel. Claro, sempre ele: Osmar, que escutava tudo sorrateiramente, preferiu se prevenir antes que uma tragédia maior acontecesse, e acertou em cheio a cabeça do cidadão, que desmaiou.

De imediato, Padre Geninho tomou a arma do companheiro e se juntou aos demais fiéis, formando um grupo distinto da clientela do bar. Assim se compôs a peleja: de um lado, o povo da igreja; do outro, a clientela de Peu Drinks.

"Ó que laranjada, Osmar botou a gente", pensava Peu que ainda segurava a garrafa de cachaça na mão.

A turma do deixa-para-lá tentou intervir, mas Padre Geninho estava possesso. Apontava a arma em direção ao outro grupo, aumentando o alvoroço. Os clientes de Peu Drinks - majoritariamente homens mais velhos trabalhadores - não perdiam a compostura, mesmo desarmados e gritavam: "Atire aí, seu padre frouxo. Quero ver se o senhor tem coragem mesmo".

A falta de inteligência do homem é realmente algo impressionante, pensava, por sua vez, Dona Telma.

Osmar era o alvo da ira de Padre Geninho. Peu tentava apaziguar, se aproximar do outro grupo.

[PEU]

Largue essa desgraça da mão, Padre. Não queira perder sua vida por causa disso.

[NARRADOR]

Mas o Padre não escutava. Estava como um verdadeiro animal, cheio de raiva. Alguém sugeriu que dessem um copo de água para ele. Outro alguém respondeu que não tinha água. A boca de todo mundo seca. Só tinha água na caixa d'água. Osmar escondido atrás dos outros bêbados, queria era se picar pro tomba, pegar sua quota de água até a prefeitura resolver o problema, mas o Padre estava bem na frente do seu carro. E também, com pneu dianteiro todo brocado. Ia ter que parar na rua de Aurora pra resolver. Isso se conseguisse chegar vivo, porque quanto mais o tempo passava, mais o Padre ficava nervoso.

Peu resolveu ser o adulto da situação. Gritou por Telma. A chamou de *Telminha*.

[PEU]

Telminha, por favor, acalme o padre. Imagine se Jesus volta agora e vê Padre Geninho com uma arma na mão.

[TELMA]

Telma não esperava ouvir seu nome da boca de Peu. Ainda mais do jeito que ele sempre a chamava. *Telminha*. Olhou para ele pela primeira vez naquele dia, fez que "sim" com a cabeça e segurou nas mãos do Padre Geninho. Disse algumas palavras no seu ouvido e ele foi se acalmado. Os ânimos foram diminuindo

também do lado dos clientes de Peu Drinks. Peu foi se aproximando do padre, em tom amigável, o padre ainda segurava a arma, mas já não apontava para ninguém. Aproximou-se, com a tranquilidade de quem já tinha vivido muitas situações como aquela. Afastou os demais fiéis. Viu que o padre tinha afrouxado a arma da mão e era controlado por Telminha e então...

<Som de vidro quebrando chão/cabeça>

Deu-lhe na cabeça com a garrafa de 5l, fazendo o padre pousar no chão lentamente como um balão que subitamente perde o ar.

Afinal também não havia água na caixa d'água.

A notícia não demorou para chegar e o que veio a se saber depois não assustou ninguém: um grupo de empresários feirenses, notificados com antecedência sobre a possível escassez de água, estocou ilegalmente a água da caixa d'água do tomba em inúmeros caminhões pipa, e a comercializaram por preços exorbitantes nos pequenos estabelecimentos que vendiam de tudo, desde cigarro, leite sem lactose, xuxa de amarrar cabelo, prego, elástico, flores de plástico, lâmpadas coloridas e agora a tão preciosa água.

No bar, as pessoas foram se resignando. Afinal era sexta-feira, boca do final de semana. Peu controlou a situação com a imposição de um general. Ele era Peu, dono de Peu Drinks, não era qualquer pessoa. Os fiéis acabaram por ficar no bar, misturados com a clientela de Peu, e de repetente começaram a trocar tecnologias para driblar o calor insuportável da cidade. Os clientes de Peu mostravam a técnica da garrafa gelada no pescoço e depois a assoprada. Os fiéis da igreja mostravam os ventiladores de pescoço e o leque elétrico, que abanava em três velocidades e era recarregável. Era sexta-feira, o apocalipse poderia esperar o final de semana.

Quando Padre Geninho acordou, encontrou tudo nas calmarias. Um galo enorme na cabeça. E quem lhe explicou toda a situação foi o nosso herói, Osmar, que a essa altura já estava enturmado com o pessoal da igreja e até prometeu ir na missa algum dia.

Padre Geninho, ainda meio desnorteado, sentia uma vontade enorme de ir ao banheiro. A bexiga queimando. A barriga igualmente estranha. Olhou ao redor do bar, os fiéis misturados com os clientes de Peu, como se nada tivesse acontecido. Então foda-se a falta de água, foda-se se o arrebatamento. Era sexta-feira. Padre Geninho se levantou com ajuda de Osmar, perguntou onde era o banheiro e ele apontou a

direção. Andou, cambaleante, sentindo uma dor escrota na cabeça, se vingaria de Peu em algum momento, mas agora só tinha vontade de mijar. Chegou à porta do banheiro e abriu.

<Som de porta se abrindo>

Quando a porta foi aberta, Telminha não quis olhar para trás. Beijava Peu com intensidade, o abraçava com toda a força que tinha, os dois sem roupa e com uma garrafa gelada de cerveja na mão, esfregavam-se, entre beijos e assopros, grudavam os corpos como se fossem apenas um, dentro daquele banheiro, sujo, fétido, cheirando a urina adocicada e merda.

<trilha sonora do podcast>

LARA

Esse foi o nosso episódio "O mundo espera a sexta-feira para acabar", escrito e narrado por Ivan Braz, com participações de Dandara Barreto, Dani Souza e Fernando Brito.

O podcast Meridianos conta com o apoio do Instituto Serrapilheira.

A criação e direção são assinados por Lara Carvalho.

A trilha sonora, a edição e o desenho de som são assinados por Andrea Martins.

A identidade visual é assinada por Alyssa Volpini.

A produção e o site são assinados pela Lua de Maré Produções.

Agradecemos por você escutar até aqui.

Para ficar por dentro das novidades, siga o Instagram @luademareproducoes, tudo junto e sem os acentos, ou acesse o site www.luademare.com/meridianos, onde também temos a transcrição de cada episódio. Até a próxima!

<trilha sonora original do podcast>